

SOBREJUSTAPOSIÇÕES: DE LER E ESCREVER COM IMAGENS, DE EXPERIMENTAR: UM CORPO-SEM-ÓRGÃOS EM UMA PESQUISA ENTRE ARTE, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

Cristian Poletti Mossi¹

Marilda Oliveira de Oliveira²

Resumo

O texto discute a possibilidade de criar um corpo não orgânico na escrita (CORAZZA, 2008) de pesquisas em educação marginais – as quais brotam em meio ao cruzamento entre arte/filosofia – de modo a produzir desvios das/nas formas instauradas pelas investigações em Educação ditas Majoritárias. O artigo deriva da conclusão da tese de doutorado do autor e orientada pela sua coautora. Nela, retoma-se a prática do corpo-sem-órgãos enunciada por Artaud em sua conferência radiofônica *Para acabar com o julgamento de deus* (1947) e expandida por Deleuze & Guattari em sua produção filosófica conjunta, em especial nos cinco volumes dos Mil Platôs, perseguindo modos de ensaiar uma *esquizopesquisa* que se faria por *sobrejustaposições* inventivas, como colagens transcriadoras de imagens e linhas de escrita em tensão constante, as quais afetam o corpo no decorrer do percurso investigativo, coagindo o pensamento a pensar.

Palavras-chave: Sobrejustaposições; Arte e filosofia; Pesquisa em Educação.

SOBREJUSTAPICIONES: DE LEER Y ESCRIBIR CON IMÁGENES, DE EXPERIMENTAR: UN CUERPO-SEM-ÓRGANOS EN UNA INVESTIGACIÓN ENTRE ARTE, FILOSOFÍA Y EDUCACIÓN

Resumen

El texto discute la posibilidad de crear un cuerpo no orgánico en la escritura (CORAZZA, 2008) de investigaciones en educación marginales – las cuales emergen del cruce entre arte/filosofía – para producir desvíos de las formas instauradas por las investigaciones en Educación mayoritarias. El artículo deriva de la conclusión de la tesis de doctorado del autor y orientada por su coautora. En ella, se retoma la práctica del cuerpo sin órganos enunciada por Artaud en su conferencia radiofónica *Para acabar con el juicio de Dios* (1947) y expandida por Deleuze & Guattari en su producción filosófica conjunta, en especial en los cinco volúmenes de los Mil Mesetas, persiguiendo modos de ensayar una *esquizoinvestigación* que se haría por *sobrejustaposiciones* inventivas, como collages transcriptores de imágenes y líneas de escritura en tensión constante, las cuales afectan el cuerpo en el curso del recorrido investigativo, coaccionando el pensamiento a pensar.

Palabras clave: Sobrejustaposiciones; Arte y filosofía; Investigación en Educación.

¹ Professor Adjunto do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: cristianmossi@gmail.com

² Professora Associada do Departamento de Metodologia do Ensino do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: oliveira.marilda27@gmail.com

Escreituras de minorias

Tratar de, ali, onde pulsa um organismo estratificado, criar um corpo-sem-órgãos ao modo de Artaud, capaz de, através de ondas, vibrações e níveis energéticos, acessar um espaço liso, um Fora absoluto (conforme enunciam Deleuze & Guattari), formado somente por linhas vetoriais e singularidades, onde tudo é velocidade infinita. Nesse amplo deserto, alçar intensidades +pegando-as pelos chifres. Com elas, fabricar colagens que se destinam a sobrepô-las e justapô-las – sobrejustapô-las – ao mesmo tempo e no mesmo ato, enquanto operação rudimentar, instantânea e de passagem. Cuidar para que, nesse exercício delicado, se tenha a fineza de não estriar em demasia o espaço liso – embora isso seja quase impossível – nem produzi-lo como morte. Versa-se, para tanto, por produzir uma pesquisa em educação como clandestino, *bricoleur*, compondo relações afetivas (disparadoras de devires os mais diversos) e produzindo um terreno erosivo de tensões e fricções. Versa-se por consumir um inferno circular atravessando a escrita pela leitura e a leitura pela escrita. Pesquisa viva invencionada ao modo de artesanaria, não por um sujeito, mas por uma legião sem nome que, como Alice, da profundidade dos corpos insurge na superfície, trazendo consigo fragmentos flamejantes que ofuscam os olhos, sacodem as vísceras e violentam o pensamento (MOSSI, 2017, p. 23).

O texto que segue se concentra em transitar por alguns disparadores que compuseram a produção e o arranjo/composição da tese de doutoramento intitulada *'Um corpo-sem-órgãos, sobrejustaposições. Quem a pesquisa [em educação] pensa que é?'*, de minha autoria e orientada pela coautora deste artigo. Nesta experimentação de escrita com imagens, buscaremos retomar algumas das problematizações principais da investigação, no que concerne aos seus lugares epistemológicos e metodológicos (ou antimetodológicos), expondo camadas de sentido que foram possíveis, algumas apenas após sua cristalização enquanto captura de um processo.

Nesse âmbito, vislumbraremos imagens tomadas de outros, imagens por nós produzidas, imagens visuais e não visuais, imagens de uma constelação informe de conceitos, de espaços fabulados, de acontecimentos que serpentearam a escrita (CORAZZA, 2008) da referida tese procurando não meramente ilustrá-la, mas arrebatá-la o pensamento e o colocar em funcionamento maquínico (DELEUZE & GUATTARI, 2012b), produzindo assim um rasgo, um desvio, um deslocamento – ainda que molecular – do que comumente e Majoritariamente se entende por Pesquisa em Educação.

Cada vez que um agenciamento territorial é tomado num movimento que o desterritorializa (em condições ditas naturais ou, ao contrário, artificiais), diríamos que se desencadeia uma máquina. É essa a diferença que queríamos propor entre máquina e agenciamento: uma máquina é como um

conjunto de pontas que se inserem no agenciamento em vias de desterritorialização, para traçar suas variações e mutações (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p.154).

Cabe assim, já de início, contornar duas noções conceituais importantes para a escrita que ora se apresenta: *escrileitura* e *Maioria*. A primeira, segundo Corazza (2008), se refere ao processo de ler pela escrita e de escrever pela leitura, como instâncias não causais e não hierárquicas uma em relação à outra. Escreve-se pela leitura e lê-se pela escrita quando o autor amado é antropofagizado por aquele que lê e escreve, produzindo – no lugar da representação de uma teoria tida como verdade inequívoca, estanque, que serviria para confirmar ideias – traduções transcriadoras (CORAZZA, 2013). Ou seja, torções e variações em um pensamento inseparável de um corpo e impossível de apreender em sua totalidade.

Já, a segunda noção – de *Maioria* –, de acordo com Deleuze & Guattari (1995, p.55), é toda e qualquer “constante, de expressão ou de conteúdo, como um metro padrão” ou estado de dominação em relação à qual estão formas marginais de existência (DELEUZE & GUATTARI, 1995, 2012b). Entendemos aqui, portanto, que há uma forma padrão ou estado de dominação que estratifica formas, jeitos, modos e maneiras de produzir pesquisas no campo da educação as quais, embora tenham se modificado muito ao longo do século XX – que nos deixa como herança o campo das ciências humanas e sociais –, ainda parte de diversos preceitos positivistas, cientificistas e de critérios avaliativos oriundos das ciências naturais e exatas para respaldar processos investigativos, sobretudo a busca por resultados e suas possíveis aplicabilidades, tanto no que tange a lugares epistemológicos como a trajetos metodológicos.

Não é objetivo deste texto produzir algum tipo de denúncia a certo modo de fazer pesquisa ou mesmo lançar um novo paradigma que deveria encobrir a produção de conhecimento na área de educação, mas, em composição com os escritos dos autores que lemos e traduzimos transcriadoramente (seus conceitos, noções e práticas) e em composição com imagens que nos convidam ao pensamento e à outros modos de ver cotidianos e realidades em estado de multiplicidade, produzir um pensamento da diferença (apenas um dentre tantos), um

pensamento menor em meio ao pensamento Majoritário que parece querer que as pesquisas continuem sendo as mesmas.

Para tanto, na escriteira da tese mencionada, com o intuito de produzir um pensamento menor na/da pesquisa, cunhamos, em aliança com a prática do Corpo sem Órgãos evidenciada por Deleuze & Guattari (2012a) a partir de Artaud (1947), a expressão sobrejustaposições (palavra contraída, por nós trabalhada já há alguns anos) como modo de arranjar e apresentar uma investigação enquanto sobreposições e justaposições de imagens (visuais e não visuais), conceitos, leituras e escritas, vazios, encontros que aumentam a potência do corpo (SPINOZA, 2010) inseparável do pensamento enquanto criação de mundos possíveis, distanciando-se de certa concepção que busca ‘representar’, ‘compreender’, ‘decifrar’ um mundo que já estaria dado.

Será sobre/com a noção de sobrejustaposição e sobre/com a prática do Corpo sem Órgãos que concentraremos a escrita de agora em diante. Nessa medida, uma composição de problemáticas nos acompanham: seria possível levar as pesquisas em educação a uma experimentação limite, onde absolutamente nada ‘É’ ainda, onde tudo está por se atualizar e realizar, onde tudo está por vir a ser (métodos, epistemologias, critérios avaliativos, preceitos técnicos e de apresentação)? A uma região desértica que comporta somente o “domínio das forças, das singularidades selvagens, da virtualidade, onde as coisas não são ainda, onde tudo está por acontecer” (LEVY, 2011, p.102). Logo as pesquisas que parecem ser tidas – especialmente por muitos de nós, acadêmicos – como portos seguros, reservatórios de certezas inequívocas, almanaques para solucionar problemas, instrumento de transformação social... Logo as pesquisas, tão repletas de prescrições (formais e conceituais) para serem consideradas pesquisas. Com Spinoza (2010), para quem nunca saberemos *o que pode um corpo*, muito embora tentemos a todo o custo defini-lo e restringi-lo em todas as suas possibilidades, nos perguntamos: o que pode uma pesquisa? O que pode um texto apresentado como pesquisa? O que pode o arsenal de materialidades que produzimos em uma pesquisa? O que pode o corpo-pensamento em uma pesquisa que se forma corpo-pesquisador, corpos-docente, corpo-pós-graduando, corpo-que-lê-e-escreve?

Esquizopesquisa em sobrejustaposições

Mobilizamos a invenção como método ou os métodos como invenção. Não nos apoiamos na fixidez de passos preestabelecidos. Apostamos no processo da composição e da colagem, que sobrejustapõem elementos diversos, sem eixos e sem origens, sem prescrições rígidas de como e onde usá-los. Compactuamos com a imanência, com o aqui e agora, com os diversos planos sobrepostos e justapostos em ato. Subvertemos procedimentos, propondo uma investigação como artesanaria. Apostamos no rigor e no cuidado que não engessam possibilidades e mundos possíveis e impossíveis. Não reconhecemos a separação entre teoria e prática. Procuramos cunhar uma teoria vascularizada, corporal e afetiva, uma prática que não ocorre sem semióticas, gestos e linguagens específicas, pressupostas. Não buscamos rupturas bruscas, mas o olhar astuto para o passado – no sentido de precipitá-lo – em vias de um porvir imediato, de um povo menor. Temos um olho no peixe e outro no gato. Apostamos na apropriação consentida, no roubo produtivo, no **zigue-zague**, nas gramíneas e nos rizomas conectivos. Avistamos potencialidades nos fragmentos, nos disparadores do pensamento. Mobilizamos pontes. Estamos à espreita de encontros fortuitos, de possibilidades e virtualidades que se atualizam e produzem nexos em um plano de movimentação deliberada na superfície. Não reconhecemos resultados unívocos, mas caminhos em teia. Apoiamos uma ciência menor. Não confiamos nas interpretações e nos fantasmas, mas traçamos programas de experimentação de dados sempre produzidos. Nos flexionamos no que se dobra e desdobra, no que se espraia. Desconhecemos o que é para sempre (MOSSI, 2017, p.160).

A antifoma cindida do pensamento do louco, do esquizofrênico, é tomada por Deleuze & Guattari de *O Anti-Édipo a Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*, com pelo menos dois sentidos: o primeiro, como modo ou possibilidade de resistir de forma criadora às linhas duras e estratificadas que atravessam nosso cotidiano e nosso corpo moderno, os quais nos requerem sujeitos adultos, produtivos, conscientes, indivíduos capazes de deter o saber e distinguir a verdade. O segundo, como contraponto ao inconsciente psicanalítico, proposto por Freud no início do século XX, como mero reservatório de traumas os quais, por sua vez, supõem o desejo como aquilo de que sentimos falta e que, por sua vez, precisa ser preenchido.

Para a *esquizoanálise*, portanto, a cisão, a fissura, não precisa nunca ser suturada pois “a questão não é nunca reduzir o inconsciente, interpretá-lo ou fazê-lo



Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação



significar”, mas “produzir inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos” (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p. 38). Conforme pontuam os autores

Freud tentou abordar os fenômenos de multidão desde o ponto de vista do inconsciente, mas ele não viu bem, não via que o inconsciente era antes de mais nada uma multidão. Ele estava míope e surdo, confundia multidões com uma pessoa. Os *esquizes*, ao contrário têm o olho e a orelha agudos. Eles não confundem os rumores e as impulsões da multidão com a voz de papai (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p.56).

O desejo é sempre multiplicidade (DELEUZE & GUATTARI, 2011). Não o múltiplo contrário à unidade, mas multiplicidade de multiplicidades, similar a um rizoma ou a uma matilha, um mapa, uma trama complexa em estado de horizontalidade, onde tudo pode ser inserido, recortado, começado, interrompido, deslocado, porque não se reduz a uma forma total, acabada, mas também porque sempre já é um arranjo singular de onde nada falta.

O *esquize* resiste à *edipianização* da sociedade hegemonicamente patriarcal e cria com seu corpo, com sua vida, uma potência inventiva a qual, ao mesmo tempo em que é singularidade, é também multiplicidade. No contraponto do desejo como falta de um objeto em si, o desejo como máquina produtiva (*máquina desejante*) que constrói agenciamentos diversos abertos a infinitas e subsequentes desterritorializações e reterritorializações inventivas (MOSSI, 2015, p. 3362).

De modo algum os autores propõem romantizarmos a loucura como um estado mais aceitável, tampouco subjagam o sofrimento patológico que envolve tal estado, mas nos convidam a pensar o que podemos aprender com os signos ou com os afectos lançados pelos *esquizes* a fim de desterritorializarmos nossa sanidade excessiva e, assim, baseada em esquemas de representação do mundo que competem a sujeitos-padrão-modernos. Se experimentarmos, assim, uma composição entre o que é proposto pela *esquizoanálise* e modularmos tal perspectiva a uma produção investigativa, o que seria possível se falarmos, então, de uma *esquizopesquisa* ou de uma *esquizoinvestigação*?

À *esquizopesquisa* – conforme a estamos pensando aqui –, portanto, nada falta. Não há nada que não se sabe e necessita ser aprendido, descoberto, conhecido, encontrado, dominado, inequivocamente afirmado, mas muitas linhas de resistência a serem criadas em meio ao que supostamente já está estabelecido e seria inquestionável (MOSSI, 2015). Em uma *esquizopesquisa* “pesquisa-se não para encontrar verdades escondidas, mais profundas, mas para produzi-las como se

produz um cântico, um poema. Pesquisa-se para repetir a diferença e não o *mesmo*” (MOSSI, 2015, p. 3362).

Nessa perspectiva, a noção de sobrejustaposição, por nós cunhada desde a ocasião de minha dissertação de mestrado, também orientada pela coautora deste artigo e por nós trabalhada em algumas publicações (2011; 2012), se desenha como uma ética (modos de conduzir uma pesquisa em meio à vida) e como uma estética (modos de presentificar uma pesquisa em meio à vida). Não está implicada a qualquer posicionamento moral (forma ou norma como as pesquisas em educação ou em quaisquer outros campos deveriam passar a ser desenvolvidas uniformemente) mas sim à uma possível experimentação que jamais se fecha num conceito estanque ou forma de fazer (como se fosse uma conduta ou um passo-a-passo) (MOSSI, 2015).

Na época em que foi primeiramente pensada as sobrejustaposições – licença poética ou palavra contraída resultante do arranjo das palavras sobreposição e justaposição – designava uma possível produção de sentidos “na tensão entre imagens, conceitos e textos, dentre outras referências, que ganhavam um tratamento de diálogo e complementariedade sem, no entanto, serem ilustrativos uns em relação aos outros” (MOSSI, 2015, p.3360). Com o tempo e as diferentes nuances de tratamento que essa noção foi ganhando em nossas produções teóricas/artísticas/pedagógicas, foi possível elucidar que para além de sobreposições e justaposições inventivas, as sobrejustaposições imprimem também posições enquanto posicionamentos: provisórios, circulantes, experimentativos, marginais. Posicionamentos ‘entre’ que mobilizam o corpo investigador – que nada

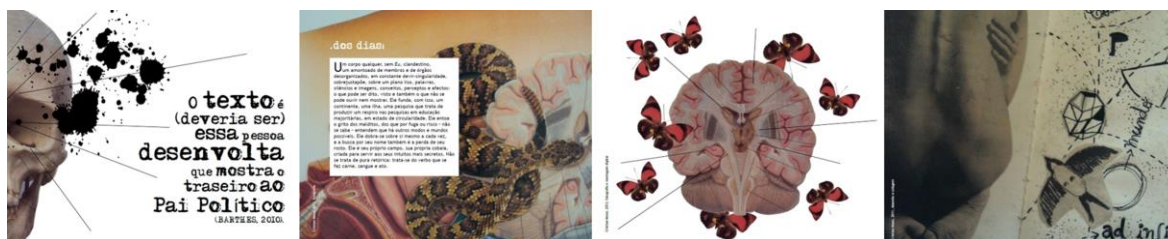


Figura 1: Composição com páginas da tese em discussão, arquivo pessoal do autor.

quer desvelar, descobrir, metodologizar, mas produzir o próprio produzir do desejo,

experimental – entre palavras e imagens, entre imagens e imagens, entre palavras e palavras, entre palavras, imagens e vazios.

A noção de mapa em Deleuze e Guattari (2011, p.30), sempre “aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” é uma potente imagem para pensarmos as sobrejustaposições em uma esquizopesquisa. Sendo elas passíveis de rearranjos, recomposições, reordenamentos não necessariamente hierárquicos, montagens e desmontagens provisórias, abolem qualquer tentativa de organização rígida de métodos pré-definidos, totalidade na busca desenfreada por resultados unívocos aplicáveis, de polidez ou assepsia no trato com o que encontra pelo caminho, de busca por uma suposta dimensão mais profunda ou transcendental que aguardaria por ser alcançada, decodificada e assim se sobreporia a todo o restante hierarquicamente (MOSSI, 2015).

A referida tese a partir da qual estamos produzindo a presente escrita, pode ser pensada como uma sobrejustaposição, ou como camadas de sobrejustaposições, tanto no que tange ao seu caráter metodológico (no que concerne ao trato com as materialidades da pesquisa), como no que tange ao resultado físico/material apresentado como texto da pesquisa (objeto-tese).

Nela, imagens são atravessadas por linhas de escrita que não explicam o que é visto, mas ampliam as dimensões do que é mostrado. Do mesmo modo, as imagens não demonstram visualmente o que está escrito, mas abrem labirintos nas palavras, criam com elas trânsitos outros em vias repletas de possibilidades experimentativas por parte de quem entra em contato com as mesmas (MOSSI, 2015, p.3361).

Buscou-se trabalhar com sobrejustaposições de fragmentos textuais e imagéticos – estilhaços afetivos – que conjuram em si uma multiplicidade que atualiza modos possíveis de escrever/arranjar/compor/apresentar uma pesquisa em educação. Não como experiência a ser repetida, mas como convite ao pensamento sobre um corpo pesquisador que se desloca e evidencia experimentações em certo percurso de formação, sendo afetado por arte, filosofia, pedagogia, música, dentre outros arsenais que dispararam escreleituras diversas.

Filosofia para não filósofos e um corpo-pesquisa-sem-órgãos



Unesc
Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação



- Trata-se de **um** corpo e não **do** corpo ou ainda **do meu** ou **do seu** corpo;
- Corpo que é da ordem do acontecimento e da individuação, os quais não se definem por uma forma ou por um sujeito único, pleno, centrado, indivisível;
- Bandeira de Artaud: subversão dos órgãos e de sua organização; Prática; Busca; Invenção; Desdobramento; Intensidade zero; Ovo; Plano de consistência/imanência para o desejo – este último visto pela perspectiva esquizoanalítica de Deleuze & Guattari como vetor produtivo do próprio produzir e não ligado à falta de algo, como na perspectiva psicanalítica de Freud; antiédipo;
- Um corpo que se abre a intensidades de devir e desterritorialização, os quais perseguem linhas de fuga – compreendendo devir não enquanto imitação ou fixidez de algum ser, mas enquanto vir a ser minoritário, individuação constante e fluente; Desterritorialização enquanto desestratificação de territórios aparentemente cristalizados (que sempre pressupõem, já em seguida, novas territorialidades, porém sem nunca retomar à territorialidade antiga); Linhas de fuga como criações, desvios, fendas, vazamentos (MOSSI, 2017, p.51).

O que é a filosofia? É em torno dessa problemática que Deleuze & Guattari (1992) escrevem sua última publicação conjunta. A questão, que parece mais uma provocação se considerarmos que procede de duas pessoas que produziram filosofia na duração de grande parte de suas vidas, leva os autores a escreverem uma espécie de *manual do filósofo*, ou melhor, de *manual de filosofia para não filósofos*, além de uma potente reanálise de diversos dos conceitos presentes em sua obra. Trata-se, é claro, de um manual nada prescritivo, mas, muito contundente em afirmar que a filosofia, enquanto ação de criar conceitos – junto da arte e da ciência –, seria uma das três grandes formas do pensamento para a qual a questão é “sempre enfrentar o caos, traçar um plano, esboçar um plano sobre o caos” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p.253). Sendo assim, a filosofia criaria sobre um plano de imanência os conceitos, a arte sobre um plano de composição os perceptos e afectos (como blocos de sensação), e a ciência sobre um plano de organização as funções.

No que concerne aos conceitos criados pela filosofia, segundo os autores, eles não se destinam, em absoluto, somente ao uso dos que se intitulam filósofos, porque não atendem exclusivamente a uma identidade restrita. Também não se prestam apenas a contemplar realidades dotadas de uma essência transcendentalmente superior, ou são ‘descobertos’, ‘descortinados’, ‘interpretados’ em um mundo pré-existente. Enquanto criações *do* e *no* pensamento – que,

segundo Deleuze (2003; 2006) em contrapartida à máxima cartesiana “penso, logo existo”, não é pressuposto ao pensador, mas precisa ser acionado por um encontro, por uma violência que o coaja³ –, os conceitos são cunhados na imanência do aqui-e-agora, da vida em sua dimensão concreta e acontecimental.

Ou seja,

Não se trata de, com o pensamento, significar aquilo que nos acontece, mas de sentir e experienciar o acontecimento. Senti-lo atravessar nosso corpo como um vapor incorporal que nos faça vivenciar nele outras potências, outras velocidades. Fazemos, nesse sentido, referência à Spinoza (2010) quando o mesmo nos propõe pensar em um corpo que se produz em meio aos *affectos* de que é capaz, ou seja, que se define por sua capacidade tanto de afetar como ser afetado por outros corpos e não por seu gênero ou espécie (MOSSI, 2015, p.3363).

O plano pensamental, filosófico e/ou de imanência inaugurado por Deleuze e Guattari, é repleto de conceitos vivos, conceitos que, sobretudo, nos convidam à experimentação no contraponto da interpretação, nos interpelando a todo o tempo: o que faz corpo conosco? A que estados somos levados, em que devires entramos a partir do que nos atravessa enquanto potência para o pensamento (inseparável do corpo), para a criação? Nos aproximando mais do escopo principal deste texto: o



Figura 2: Composição com páginas da tese em discussão, arquivo pessoal do autor.

que se impõe a uma vida, a uma pesquisa e o que é possível mediante esses atravessamentos?

Uma das noções presentes na obra desses autores que nos auxiliam nessa via de pensamento, sem dúvida, é a noção prática de Corpo sem Órgãos. Enunciada primeiramente por Antonin Artaud, dramaturgo francês que viveu e produziu em

³ “(...) o problema não é dirigir, nem aplicar metodicamente um pensamento preexistente por natureza e de direito, mas fazer que nasça aquilo que ainda não existe (...). Pensar é criar, não há outra criação, mas criar é, antes de tudo, engendrar ‘pensar’ no pensamento” (DELEUZE, 2006, p.213).

meados do século XX, nos permite colocar em operação um corpo livre de regras prescritivas, prévias de funcionamento, o qual abdica de um organismo rígido, hierárquico, que prefigura estratos sociais, culturais, sexuais, dentre outros. Permite pensar na possibilidade de inventar uma vida com um corpo formado não por órgãos que o restringem, que o engessam, mas por vetores intensivos de desejo produtivo, de infinitas possibilidades de experimentação.

Em sua conferência radiofônica *Para acabar com o julgamento de deus*, de 1947, Artaud proclama

O homem é enfermo porque é mal construído, / Temos que nos decidir a desnudá-lo para raspar esse animalúculo que o corrói mortalmente, / deus / e juntamente com deus / os seus órgãos (ARTAUD, in: WILLER, 1983, p.161-162).

Posteriormente, Deleuze & Guattari, resgatando tal prática e a colocando em relação direta com sua produção filosófica, investem na ideia de que

Trata-se de criar um corpo sem órgãos ali onde as intensidades passem e façam com que não haja mais nem eu nem o outro, isto não em nome de uma generalidade mais alta, de uma maior extensão, mas em virtude de singularidades que não podem mais ser consideradas pessoais, intensidades que não se pode mais chamar de extensivas (DELEUZE & GUATTARI, 2012, p.21).

Quando esses últimos autores tomam para si tal noção dando a ela nuances muito específicas, o fazem, também, sem dúvida, resgatando algo formulado por Spinoza (2010) nos idos dos anos de 1600, para quem corpos não se definem por seu gênero ou sua espécie, por seus órgãos ou suas funções, mas por aquilo que podem (daí a tradicional pergunta do filósofo: *o que pode um corpo?*), ou seja, pelos afetos dos quais são capazes.

Na tese aqui discutida, buscamos na prática do Corpo sem Órgãos uma potência teórica e também metodológica para a produção de uma pesquisa no campo da educação. Uma pesquisa em educação que se deu metodologicamente e conceitualmente na forma de sobrejustaposições, lendo e escrevendo com imagens e experimentando uma possível fabricação de um corpo-sem-órgãos com arte e com filosofia. Enquanto foco investigativo que nos acompanhou durante todo o processo, uma questão: como seria inventar um corpo-pesquisa-sem-órgãos no campo da educação?

Bem, nos parece primeiramente que seria impossível falar de um ‘como’, já que não se trata de trilhar um caminho unidirecional, por onde outros poderiam atravessar posteriormente. Tratou-se mais de ensaiar um pensamento (conforme já mencionado, como criação e não como re-conhecimento), um modo de fazer, de escrever e ler (com imagens) que buscou criar desvios possíveis de “métodos pré-dados de se fazer Pesquisa em Educação (com ‘P’ e ‘E’ maiúsculos)” (MOSSI, 2015, p.3359, destaques do autor), produzindo “*uma pesquisa em educação* (com ‘p’ e ‘e’ minúsculos)” (idem).

Assim, criar um Corpo sem Órgãos em uma pesquisa em educação tratou-se também de criar um

Corpo que não deseja a abolição desses mesmos métodos, ou mesmo da Grande Pesquisa, mas que se instala neles para fazê-los variar. Corpo que não firma qualquer compromisso com totalidades ou com verdades absolutas em relação ao que profere, visto que entende que todo o enunciado é produzido de modo coletivo, entrelaçado por inúmeras vias de acesso, permeado por infinitas compreensões por parte de quem os escuta e que estes não são ouvidos passivamente. Corpo que se faz na interação com outros corpos, nunca na solidão. Que amplia suas possibilidades abrindo-se para a experimentação, que rejeita as significações diretivas, unidirecionais. Enfim, um corpo que não se vê separado do que pensa e do que produz, tampouco se vê limitado por seu estrato unicamente biológico, orgânico. Corpo que é apenas um amontoado de carne, pensamentos, fluxos, imagens, linhas de escrita como outros pequenos corpos que o fazem devir constantemente (MOSSI, 2015, p.3359).

A invenção desse corpo-pesquisa-sem-órgãos se deu na fabricação de um texto com imagens composto/arranjado pela escreitura disparada a partir de diversos encontros que tivemos no decorrer do processo de doutoramento... Conversas, aulas, músicas, conceitos teóricos, obras de arte, poesias, dentre outros disparadores do pensamento. Tratou-se de escrever não um texto encerrado “na sua função de dar conta de um processo laboratorial e/ou de campo realizado anterior e/ou conjuntamente a ele” (MOSSI, 2015, p.3363), mas de produzir um texto outro, um texto vascularizado, “como extensão de um corpo que se faz junto com a pesquisa. Um texto que é, ele próprio, o laboratório” (idem), pois o que

se instaura no plano dito teórico já pressupõe um corpo em ação e movimento invaginando em si mesmo o universo, produzindo-se como singularidade. A empiria e o pensamento andam lado a lado, amalgamados, digladiando, violentando um ao outro (MOSSI, 2017, p.99).

Buscou-se apresentar o texto de pesquisa, portanto, não como um relatório em seu formato convencional, mas como um texto-objeto, que “contivesse para além dele potenciais textuais e imagéticos dialogando, sendo entrecruzados e tensionados (*sobrejustaposições*)” (MOSSI, 2015,p.3365). Ou seja, os indícios dos percursos trilhados por indivíduos (orientando e orientadora) que, no processo artesanal de fabricação dessa escrita com imagens, se subjetivaram atravessados por devires entre arte, filosofia e educação (MOSSI, 2015). Nessa concepção,

O texto seria, (...), como nos propõe Barthes (2010), um tecido. Contudo, antes de ser formado por tramas bem acabadas que sustentariam por detrás sentidos e verdades ocultas, o texto se fabrica por um encadeamento eterno, como a teia de uma aranha que se desfaz no seu próprio feitiço (MOSSI, 2015, p.3364-3365).

Por essa perspectiva, “quem escreve parece ser mais formado pelo texto que seu formador, mais escrito por ele que seu escritor” (MOSSI, 2015, p.3365). Não se trata de um sujeito autônomo que escreve para que outro sujeito autônomo leia, mas de um texto que se faz *com* a operação de ler, arranjado *com* imagens que deflagram o pensamento e de um indivíduo que se singulariza, que se subjetiva e ao mesmo tempo se desfaz entre tais tramas complexas, entre devires que escapam de formas-clichês (‘o’ artista, ‘o’ professor, ‘o’ filósofo, ‘o’ pesquisador’, etc).

Referências

ARTAUD, Antonin. Para acabar com o julgamento de Deus (1947). In: WILLER, C. [tradução, seleção e notas]. **Escritos de Antonin Artaud**. Porto Alegre: L&PM, 1983.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013

_____. **Os cantos de Fouror: escriteira em filosofia-educação**. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos** (2ª edição). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **Diferença e repetição** (2ª edição). Rio de Janeiro: Graal, 2006.

Criar Educação, Criciúma, v. 7, nº1, jan/jul 2018.– PPGE – UNESC

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4 (2ª edição) [tradução de Suely Rolnik]. São Paulo: Ed. 34, 2012b.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3 (2ª edição) [tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik]. São Paulo: Ed. 34, 2012a.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1 (2ª edição) [tradução de Ana Lúcia de Oliveira Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa]. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 2 [tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão]. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. **O que é a filosofia?** [tradução de Bento Jr. E Alberto Alonso Muñoz]. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora – Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MOSSI, Cristian Poletti. **Um corpo-sem-órgãos, sobrejustaposições**. Quem a pesquisa [em educação] pensa que é?. Santa Maria: Ed. UFSM, 2017.

_____. Uma pesquisa-sem-órgãos: imagens, escritas, sobrejustaposições... In: **Anais** do 24º Encontro Nacional da Associação de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP): Compartilhamentos na arte: redes e conexões, Santa maria/RS. p. 3353-3367. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s8/cristian_poletti_mossi.pdf> Acesso em: 21 ago. 2017.

MOSSI, Cristian Poletti; OLIVEIRA, Marilda O. de. Experienciar, suturar e sobrejustapor sentidos na teoria e na crítica da imagem: dois possíveis desvios estratégicos. In: **Revista Visualidades**. v. 9, n. 1. Goiânia: Programa de Mestrado em Cultura Visual da FAV/UFG, 2011, p. 164-177.

_____. Cartografias e sobrejustaposições para pensar a produção crítica da arte enquanto etnografia. In: **Revista da FUNDARTE**. v. 1, n. 1. Montenegro: Fundação Municipal de Artes de Montenegro, 2012, p. 09-12.



CRIAR EDUCAÇÃO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - UNESC



Unesco
Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação



SPINOZA, Benedictus de. **Ética** [tradução e notas de Tomaz Tadeu]. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Recebido em dezembro 2017

Aprovado em fevereiro 2018